

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 273

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º ANNO

RUSSIA E JAPÃO

Ha partidos a favor da Russia, e ha partidos a favor do Japão. Os partidarios do Japão são muito mais numerosos do que os partidarios da Russia. E isso explica-se por dois motivos. Primeiro, porque o Japão está por cima. Este é o motivo capital. O fundo da alma humana é vil. Segundo, porque sendo a Russia uma nação despótica, aliena, naturalmente, as sympathias d'uma grande parte da democracia europeia.

Nós, já uma vez o escrevemos n'este periodico, nem somos a favor da Russia, nem somos a favor do Japão. Admiramos a facilidade com que os japonezes assimilaram os progressos europeus. E' nos consolador poder reconhecer os resultados extraordinarios da instrucção, convencido, como estamos, de que é ella a primeira condição de triumpho. Não desgostamos, tambem, de ver posto em cheque o despotismo russo, causa unica dos insuccessos da grande nação europeia. Mas uma duvida se offerece ao nosso espirito: a civilisação ganhará, ou perderá, com a derrota da Russia?

Os democratas, inconscientes, impulsivos, ou pouco cultos, não veem, geralmente, a questão por este aspecto. Arrastados por uma sentimentalidade doentia, exultam a cada derrota da Russia por lhes parecer que será a derrota do despotismo. No entanto, esse aspecto da questão é um ponto bem grave a discutir.

Ha muito quem affirme que as raças inferiores são completamente incapazes de crear, e mesmo de continuar, uma civilisação. Affirma-o, entre outros, Gustavo Le Bon, em varios dos seus livros.

Será verdade? Não será?

Não seguimos a escola de Gustavo Le Bon. Não aceitamos muitas das opiniões dos homens d'essa escola. Acreditamos muito mais na influencia do meio, da educação, da civilisação, do que, propriamente, na influencia da raça. Quer-nos parecer que embora haja raças de maior valor do que outras, todas são boas, e todas são más, conforme as circunstancias. E' o proprio Japão o está provando n'este instante, offerecendo-se ao mundo em condições de superioridade sobre a Russia, embora seja d'uma raça inferior á do seu adversario. E' este o nosso modo de ver, expressado aqui por tantas vezes.

Mas não estaremos em erro, e todos aquelles que teem sustentado eguaes opiniões?

Gustavo Le Bon, que é, aliás, um homem eminente, escreve peyorativamente, no seu livro *Lois Psychologiques de l'Evolution des*

Peuples, que pôde um negro, ou um japonéz, accumular todos os diplomas possiveis que nunca chegará ao nivel d'um europeu ordinario.

«Facilmente se faz um bacharel ou um advogado d'um negro ou de um japonéz; mas é um simples verniz, inteiramente superficial, sem acção sobre a sua constituição mental. O que nenhuma instrucção lhes pôde dar, porque só a hereditariedade as cria, são as fórmulas do pensamento, a logica, e, sobretudo, o caracter dos occidentaes. Em dez annos se lhes dá facilmente a instrucção d'um inglez bem educado. Para fazer d'elle um verdadeiro inglez, isto é, um homem procedendo como inglez nas diversas circunstancias da vida, nem mil annos bastariam. Só na apparencia um povo transforma bruscamente a sua lingua, a sua constituição, as suas crenças ou as suas artes. Para operar na realidade taes mudanças seria preciso poder transformar a sua alma.»

Gustavo Le Bon previa os triumphos militares do Japão, ou admittia-os, pelo menos, por isso que n'outra parte do livro citado affirmou:

«Não abordarei agora aqui o caso do Japão, que já tratei em outra parte, e sobre o qual, seguramente, voltarei um dia. Seria impossivel estudar n'algumas paginas uma questão sobre a qual homens d'estado eminentes, desgracadamente acompanhados por philosophos pouco esclarecidos, s'illudem tão completamente. O prestigio dos triumphos militares é ainda para muitos espiritos o unico criterio do nivel de uma civilisação. Ora é possivel organizar á europeia um exercito de negros, ensina-los a manejar espingardas e canhões, que nem por isso se terá modificado a sua inferioridade mental e tudo o que deriva d'essa inferioridade. O verniz de civilisação europeia que cobre actualmente o Japão não corresponde de nenhum modo ao estado mental da raça.»

Será verdade? Não será? Talvez não seja. Quer-nos mesmo parecer que não. Mas quem sabe? Gustavo Le Bon não é idiota. E' um homem de muito talento, de muita cultura, e tem viajado por esse mundo fóra. Tem visto de perto os homens e as coisas, para poder apreciar e julgar com bastante segurança.

Um facto ha, que é incontestavel. E' esse dos triumphos militares não serem garantia d'uma alta civilisação. Os arabes, os turcos, os mongoes, venceram muitas vezes os povos europeus, chegando a domina-los durante seculos, sem terem, todavia, demonstrado capacidade para manter uma elevada civilisação. Pódem os japonezes dar agora provas d'um alto valor militar, sem que, por isso, possuam uma alta civilisação.

E n'isso é que está a duvida. Nós já acreditamos menos no tal perigo amarello do que acreditamos hoje. Quem tem a cabeça no seu lugar aprende com os fa-

ctos, com a experiencia, com as lições, e não tem opiniões irreductiveis. Se o Japão, a China, a Coréa, o Sião, se tornam potencias militares de primeira ordem, o que é não só possivel como provavel, e se são insusceptiveis, não só de crear, como até de manter uma civilisação, devemos nós, em nome dos interesses d'esta, desejar o amiquilamento da Russia, quando nem sequer está provado que d'elle resulte o triumpho da liberdade n'este paiz, isto é, um regimen democratico?

Que o imperador se ha de inclinar para processos liberaes, parece-nos certo. E' possivel, até, que surja uma especie de regimen constitucional. Mas isso tanto succederá ficando a Russia vencida como vencedora. E' a consequencia do tempo, da propaganda já feita, do sazonalimento das idéas e da grande lição dos factos actuaes. A impotencia do absolutismo, d'um regimen ferozmente centralizador, em face dos progressos modernos, ficou eloquentemente demonstrada. Mas, admittido mesmo o caso de que o absolutismo continue na Russia, talvez que esse perigo seja menor que o perigo amarello, e que, mesmo assim, a civilisação ganhe mais triumphando a Russia do que triumphando o Japão.

Em todo o caso, não ha motivo para tamanha expansão d'alegria, como aquella que manifestam os nossos jornaes democraticos, á noticia de cada desastre da Russia.

Estas questões são graves e complexas. Não se resolvem com assomos de sentimentalidade doentia.

E sendo certo, demais a mais, que, á parte a circumstancia do regimen na Russia ser menos liberal do que no Japão, nem um nem outro d'esses paizes é movido, na guerra feroz que mantem, por nenhum sentimento elevado. Só os move a ambição, a um e ao outro. Uma ambição feroz.

Que se governem.

O que é de lamentar, e nós sinceramente o lamentamos, é que o mundo civilizado assista indifferente áquella carnificina espantosa. Em vez de partidos pela Russia, ou pelo Japão, o que todos deviam fazer era erguer a voz com energia a favor da paz. Se a opinião publica universal entrasse n'essa corrente, e se impozesse resolutamente, os governos da Europa e da America haviam de attende-la, concertando-se para uma acção commum em favor da humanidade.

No fim de contas, todo o mundo se commoveu com o assassinato dos reis da Servia, contra o qual mezes seguidos a imprensa universal gritou: horror. Agora,

morrem milhares e milhares de homens e pouca gente se commove.

Sempre a mentira! Sempre a hypocrisia!

Rebocador

Temos ali, enfim, um rebocador ao serviço da nossa barra.

Os poderes officiaes, a quem foram pedidas providencias para auxiliar o movimento marítimo, dotando este porto com um rebocador, limitavam-se a mandar elaborar relatorios, fazer consultas e pedir esclarecimentos.

Pois bem: o nosso amigo sr. Manuel da Rocha sanou a falta mandando vir do Porto o seu rebocador, que se encontra ha duas semanas e já prestou relevantes serviços á navegação.

A QUESTÃO GLERICAL

As Congregações em França

(Continuado do n.º 268)

Napoleão fez todos os esforços para que a França ignorasse o maximo tempo possivel as suas discordias com o papa. E conseguiu-o. Por um lado cercou o papa, em Savona, d'um pessoal numerosissimo, que, a pretexto de servir e honrar o chefe da Igreja, tinha um unico fim: evitar a comunicação secreta de Pio VII com os elementos desfavoraveis ao imperador. Pio VII não podia dar um passo sem conhecimento e licença de Napoleão. Por outro lado levou a imprensa, escravizada e servil, a guardar silencio rigoroso. De fórma que nos fins de 1809 a grande maioria da França ignorava ainda o que se passava.

Napoleão não queria apenas occultar o rapto e a prisão do papa. Queria tambem manter em sigillo a excommunhão lançada contra elle no mez de junho anterior. No entanto, a noticia começou a circular, á socapa, espalhada pelos membros d'uma sociedade então pouco conhecida, mas que havia de chegar, com o tempo, a alcançar uma grande notoriedade. Era a Congregaçao da Santa Virgem, ou, simplesmente, a Congregaçao, como logo de principio começou a ser designada, fundada por um jesuita, o abbade Delpuits, em 2 de fevereiro de 1801, cujos membros eram recrutados na mocidade das escolas e no mundo jesuitico. Entre elles figuravam, como principaes adherentes, fidalgotes d'alta cotação, taes como Mathieu de Montmorency, Alexis de Noailles, Charles de Forbin-Janson, M. de Contades, Martial de Loménie, Louis de Berthier, o duque de Sully, etc.

O imperador recorreu, como sempre, aos meios extremos. Fez prender Alexis de Noailles e mais cinco figurões da mesma polpa. Os jesuitas, por seu lado, recorreram tambem aos meios do costume. Fingiram que cediam. A Congregaçao dissolveu-se (10 de setembro de 1809) sem esperar mesmo o decreto pelo qual foram supprimidas todas as associações do mesmo genero. Napoleão recommendava energeticamente a Fonché, ministro do interior, que se conservasse d'olho aberto sobre os tramas dos *cagots* (carolas).

Foi esse o momento que o papa escolheu para irritar o imperador, renovando as velhas pretensões de Gregorio VII e Innocencio III.

«Que os nossos perseguidores se não esqueçam, escrevia elle, de que Jesus Christo os submetteu á nossa auctoridade e ao nosso throno, porque nós tambem usamos sceptro, e podemos mesmo dizer que o nosso poder é bem superior ao d'elles, a menos que se não pretenda que o espirito ceda á carne e que os interesses do céo se subordinem aos interesses da terra.»

Esta pretensão insolita constituiu uma inhabilidade, por isso que só deu força ao imperador.

Comtudo, as circunstancias puzeram na mão de Pio VII uma arma poderosa. O imperador queria casar com uma dama de sangue real, para o que precisava de que lhe amullassem o casamento, sendo elle já casado, com a imperatriz Josephina. E queria nomear novos bispos para as dioceses que iam vagando. Ora o papa nem estava disposto a annullar o casamento de Napoleão com a Josephina, nem a conceder a instituição canonica aos bispos nomeados pelo imperador.

Napoleão resolveu a primeira dificuldade dirigindo-se ao tribunal diocesano de Paris, em vez de se dirigir ao papa. E o tribunal, comprado,—a historia prova que a Igreja, no todo ou em parte, está sempre prompta, por dinheiro ou benesses, a transigir—apressou-se a annullar o casamento com Josephina, sob pretexto de que esse casamento havia sido clandestino, tendo-se realizado sem testemunhas e na ausencia do vigario parochial. E resolveu a segunda dificuldade reunindo em Paris um concilio (17 de junho de 1811) para sagrar os bispos que elle quizesse. Como o concilio recalcitrasse, o imperador metteu na cadeia uns poucos de bispos, os *cabeças de motim*, e os restantes, amedrontados e comprados, submetteram-se, votando por grande maioria, a 5 de agosto de 1811, o projecto imperial, que dava plena liberdade a Napoleão, é claro, para fazer o que entendesse.

O Cesar casou com Maria Luiza, princeza d'Austria, como desejava. E como 13 cardeaes, dos 25 que residiam em Paris, não quizessem assistir a esse casamento, o Cesar correu-os a pontapés a primeira vez que, depois d'isso, compareceram a uma festa official nas Tulherias, tirando-lhes os titulos de cardeaes, prohibindo-lhes as insignias d'esse cargo, e entregando-os ao ministro do interior, para que os desterrasse, a dois e dois, para varias terras da provincia. Não contente, aggravou as condições de Pio VII, prisioneiro, tomando contra elle medidas que a propria Inglaterra não ousou, mais tarde, tomar em Santa Helena contra o mesmo imperador. Não consentiu mais que o papa escrevesse ou recebesse cartas sem passarem pelas mãos da policia. Tirou-lhe os creados mais dedicados para os substituir por espiões. Prohibiu-o de receber visitas sem testemunhas. Diminuiu-lhe a mensalidade. Emfim, nem consentiu que o desgraçado usasse o *anel de pescador*. Foi um capitão da *gendarmérie* pedir-lh'o. O papa entregou-o tristemente ao official, depois de o ter quebrado em dois.

A padralhada pôde entoar as loas que quizer ao poder e á grandeza da Santa Sé. A verdade é que o pobre *Vigário de Christo na terra* se tem fartado de levar tombos, e de perder terreno, ha um seculo para cá.

Cartas d'Algures

28 DE OUTUBRO.

Foi pelo conhecimento das linguas classicas, e das obras primas da antiguidade, que a Renascença veio arrancar o espirito humano ás trevas densas da Idade Média. O humanismo coincide com a Reforma. Applicando o seu espirito de critica á Biblia, e aos Padres da Igreja, é o mais poderoso elemento do livre exame, da emancipação, da liberdade.

Sempre que a liberdade se eleva, eleva-se o estudo das humanidades. Desce a liberdade, desce o humanismo.

«O fanatismo, porém, escreve o sr. Theophilo Braga na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, receava que esta admiração da antiguidade emancipasse os espiritos da subordinação catholica; a Igreja accitou a imposição dos estudos humanistas, mas apropriou-se d'elles pela instituição da companhia de Jesus, destinada exclusivamente ao ensino médio, tornando-se os seus socios os mais disciplinados pedagogos, e assaltando deliberadamente o governo das Universidades.»

N'outra parte do mesmo livro, escreve ainda o sr. Theophilo Braga:

«Vimos como na renovação philosophica do seculo XVII Bacon e Descartes elaboraram novas syntheses com os elementos accumulados pelos humanistas da Renascença; d'estes dois philosophos derivam duas correntes intellectuaes, a dos materialistas francezes do seculo dezoito e a dos metaphysicos allemães que dominaram principalmente no presente seculo.

As doutrinas de Descartes não penetraram em Portugal, foram prohibidas no ensino e condemnadas na *Mesa Censoria* por causa da *duvida philosophica* que insurreccionava os espiritos; as idéas fundamentais de Bacon foram igualmente embaraçadas pelo director jesuita de D. João V.

Em um manuscrito truncado da Bibliotheca da Ajuda, escripto depois de 1778, quando se projectava entregar aos frades os estudos secundarios, vem descripto o estado da cultura intellectual do monachismo portuguez; expõe o vandalismo com que deturparam os monumentos artisticos que lhes foram confiados e estragaram as livrarias legadas:

«Não ha memoria de haver em seus claustros (em Evora) aulas para se ensinarem as linguas portugueza e latina. Elles sempre trataram de bagatella este estudo, e os seus papeis nos mostram muito bem a falta de erudição e o mau gosto em uma como em outra linguagem. As Artes e os bons Dicionarios não se acham em suas livrarias, e se de tempos antigos ali ficou algum livro de auctor portuguez ou latino, tão empoadado está que bem mostra servir sómente de encher a caixa da sua estante. Procure-se a estes Padres pela Idade do ouro, da prata, do ferro dos Romanos, pelos escriptos e estilos de cada uma; procure-se pelos trabalhos de Donato, Servio, Gronovio, Sanadon, Moreto, Erasmo, Grutero, Lipsio, e infinitos outros commentadores dos livros latinos; procure-se pelas antiguidades dos Romanos, por suas obras, religião, e costumes; procure-se pelas Artes de Orthographia e Hermeneutica, pela Geographia e Chronologia, tudo summamente preciso e indispensavel para uma verdadeira interpretação.

A respeito da lingua grega elles geralmente estão persuadidos de dous erros crassos e grosseiros, o primeiro de que se não sabe, o segundo que é inutil.»

O manuscrito faz menção da mesma ignorancia em rhetorica e em philosophia. A mesma ignorancia jesuitica que Compayré, Huber e outros escriptores registam na França, na Alemanha, em toda a parte.

É notavel esta coincidência do abandono, ou da guerra aos estudos classicos, com o predomínio da reacção! E nem agora em Portugal o facto se desmente.

Quando Henrique IV, que deu á França o edito de Nantes, ou a liberdade de consciencia, reformou os estudos, o seu principal cuidado foi abrir as portas de par em par, como diz Compayré, aos classicos gregos e latinos.

Mais tarde, nos preludios da Revolução, Rolland, encarregado pelo Parlamento de Paris de reformar o ensino, queixa-se amargamente da «ignorancia profunda do grego em que vegetam os alumnos que frequentam os collegios.» Quer que o estudo da lingua grega e o da lingua latina andem *indissoluvelmente ligadas*. Declara que ama os estudos novos, mas sem que por isso diminua o seu affecto pelos estudos classicos.

Em plena epocha revolucionaria, Mirabeau exclama:

«Longe de mim a idéa de prescrever o estudo das linguas mortas. Pelo contrario, quero-o animado e estimulado.»

Em 1759, escrevia entre nós o marquez de Pombal: «Os estudos das humanidades decahiram no reino e os jesuitas são, evidentemente, a causa do abatimento em que cahiram as linguas grega e latina.» Sempre que a reacção triumphou, o humanismo decahia. Foi assim em toda a Europa. Sempre que o espirito liberal subiu, subiu, com elle, o amor da philosophia e das bellas lettras.

Na já citada *Historia da Universidade de Coimbra*, diz, ainda, o sr. Theophilo Braga:

«A Philosophia, que se cultivava durante a Idade Média confinada nos claustros e depois nas Universidades, elaborando os vazios entes de razão, veio na Renascença a desenvolver-se entre os Humanistas dispersos na sociedade civil, apoiando-se sobre elementos reaes, nas luctas religiosas, e apropriando-se dos resultados scientificos do seculo XVII, a ponto de se propagar o Cartesianismo entre os príncipes e os altos dignatarios como uma distincção social; erudição, dialectica, sciencia, estylo, eram condições indispensaveis para que a philosophia se communicasse entre as intelligencias privilegiadas. No seculo XVIII irrompe o clarão do *bom senso*, e a simples critica, a observação natural, o livre exame, o combate contra os preconceitos do passado, constituem essa Philosophia do senso commum, que se destaca de Inglaterra e invade a França, apropriando-se da linguagem vulgar, e, universalizando-se pela clareza, a ella adherem as mulheres nos grandes salões da sociedade franceza.

Não era nas escolas que a Philosophia se ensinava; aprendia-se na boa sociedade; reclamava, em vez das reflexões solitarias do pensador, a frequencia dos salões, onde dominava a graça das mulheres e brilhavam os repentes dos lucidos espiritos. É conhecida a celebridade dos circulos do tempo, onde as mulheres se reuniam para assegurar aos philosophos a reputação do seu nome e a voga das suas idéas.

As mulheres influram profundamente na Philosophia do seculo XVIII em França, como as hetairas de Athenas no seculo V, quando a capital attica exerceu a sua hegemonia na Grecia e ainda no mundo; por ellas os pensadores deixaram o estylo classico das Academias para falarem claro, introduziram nos problemas sociaes um elemento indispensavel, o sentimento, que deu uma supremacia a Rousseau, um intuito de generosidade na reconstituição do futuro, e, o que é mais para maravilhar, uma preocupação pratica. Taine accentua esta influencia do sexo amavel: «Nenhum livro, então, que não seja escripto para o vulgo, e mesmo para as mulheres da boa sociedade. Quasi todas as obras sahem de um salão, que teve, antes do publico, as primicias. E o habito era tão

entranhado que durou ainda até ao fim de 1789; os discursos que se iam proferir na Assembléa nacional eram como trechos de bravura que se repetiam de antemão nos saraus deante das damas.»

Hoje, que as grandes damas portuguezas falam *culto*, ignorando profundamente as bellezas mais rudimentares da nossa lingua, hoje, que o luxo d'ellas é *atinar*, e tudo o mais que faz parte do *sport*, o sr. Abel de Andrade é coerente propondo a reforma reaccionaria do ensino.

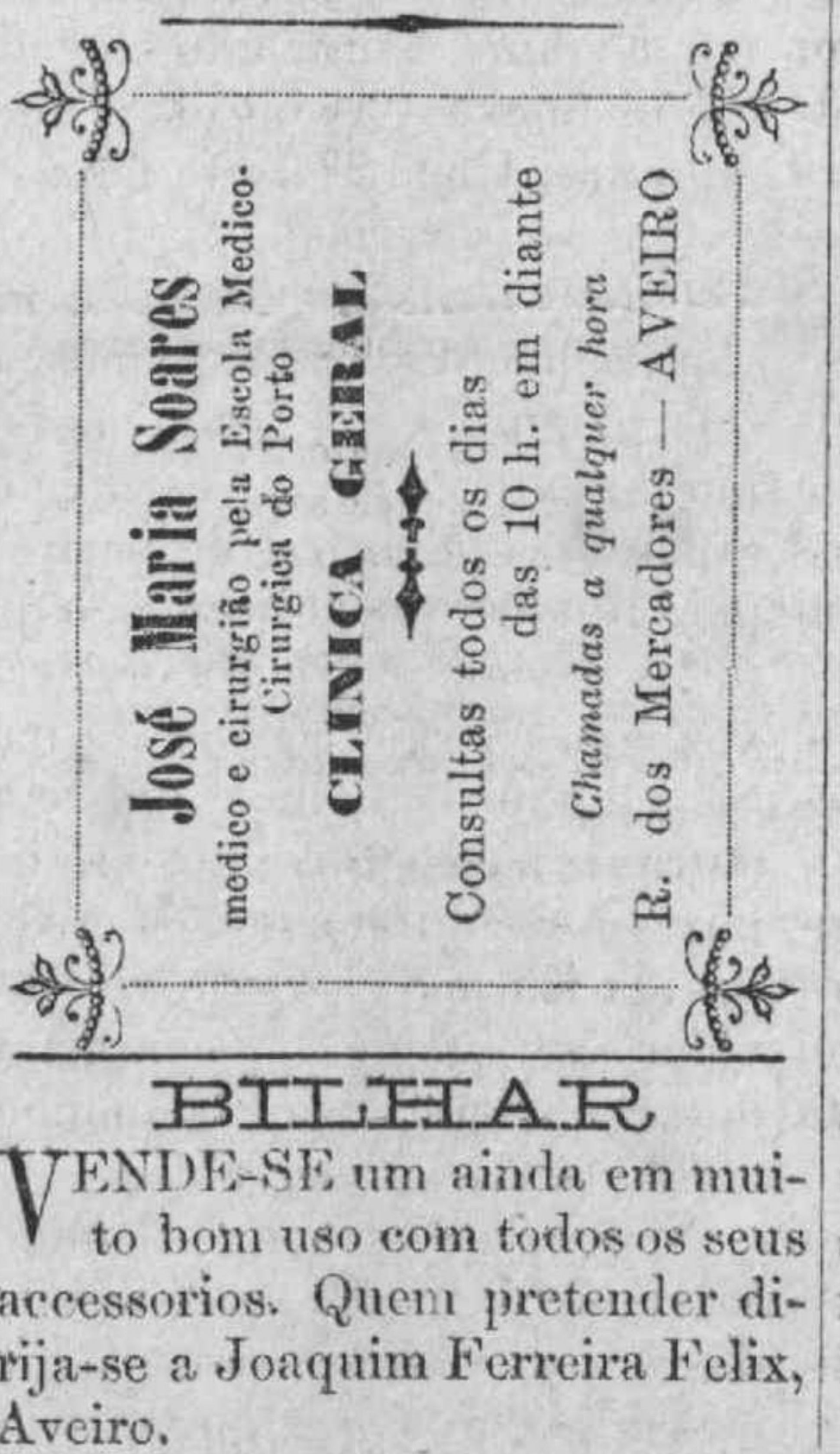
É uma reforma em harmonia com as influencias do *Sacré Cœur*, e da sociedade elegante de Cascaes. Reforma reaccionaria, profundamente reaccionaria, não se esqueçam d'isso os republicanos que, uns por interesses, outros por imbecillidade, auxiliam a propaganda que a provocou, augmentando assim, como sempre, o desvairamento, a anarchia doida em que nos afundamos.

Reforma profundamente reaccionaria, porque, além da inutilização do ensino classico, ensino que já deixava muito a desejar, e que é uma garantia democratica, vae *livertar de peias o ensino particular*, como informava o *Diario de Noticias*, isto é, vae matar os lyceus, em favor dos collegios jesuiticos, que são os collegios dominantes no ensino particular. Para que os collegios jesuiticos ensinem aos rapazes, como nos conta o sr. dr. Sousa Refoios no seu opusculo *O collegio de S. Fiel no Loureçal do Campo e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã—Apontamentos sobre o jesuitismo no districto de Castello Branco*, para que os collegios jesuiticos ensinem aos rapazes que a **revolução franceza foi um grande mal, pois que d'ella nasceram todas as idéas de liberdade, que desde então se tem espalhado por toda a Europa**; que a *monarchia absoluta é notavelmente superior á monarchia constitucional*. Para que os collegios jesuiticos ensinem aos rapazes, como nos diz o sr. Grainha no seu livro *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos, que a Inquisição fez muito bem em condemnar Galileu e Giordano Bruno, que D. João III e o cardeal D. Henrique foram os maiores reis de Portugal, que o marquez de Pombal era um carrasco e Alexandre Herculano um azeteiro*.

Para isso, para isso vae o sr. Abel de Andrade matar os lyceus, dando supremacia aos collegios jesuiticos. Com applauso das damas portuguezas do *Sacré Cœur*, que adoram a Deus e falam *culto*, e, tambem, dos amigos, dos partidarios, dos defensores da Republica, que ajudaram poderosamente, a gritar nos seus periodicos contra a lei actual, como possessos, a miseravel propaganda que deu taes fructos. Que paiz!

E não ter um homem de juizo meios de emigrar!

A. B.



José Maria Soares
 medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica de Porto
CLINICA GERAL
 Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
 R. dos Mercadores — AVEIRO

BILHAR
 VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

POLITICA LOCAL

Foi nomeado governador civil de Aveiro, e já tomou posse do seu cargo, o sr. Albano de Mello.

É sua excellencia um espirito culto, liberal, tolerante, e um amigo d'esta região. Amigo sincero. É, além d'isso, um homem de sociedade, correcto no seu porte, elevado no seu tracto. Qualidades essas que demonstrou plenamente a ultima vez que desempenhou as funcções do cargo em que agora foi investido. E quem possui essas qualidades, que tanto vão rareando nos politicos monarchicos, tem n'ellas a maior garantia de successo.

Estamos, pois, em crer, que o sr. Albano de Mello se ha de conduzir de maneira a não levantar os protestos de quantos amam esta terra e as suas honradas tradições.

A nossa politica na localidade é de sobejo conhecida para que sua excellencia careça de que l'ha expliquemos. Antes de tudo e acima de tudo collocamos os principios democraticos, que toda a vida defendemos, e os interesses politicos que se relacionam com elles. Em segundo logar collocamos os interesses materiaes da terra em que nascemos, e que, atravez de tudo, nunca deixámos de amar.

Essa tem sido, essa será a nossa politica local, contra regeneradores, e contra francaceos.

É preciso, para a servir, combater hoje mais os regeneradores do que os progressistas, ou vice-versa? Fu-lo-hemos, sem hesitar. Nunca tivemos allianças, nem accordos, com nenhum partido monarchico. Simplesmente, como não somos idiota, não nos pomos a dar á bruta em todos ao mesmo tempo, quando entramos em combate. Nunca o fizemos, e, por isso mesmo, temos servido sempre eficazmente os interesses democraticos n'esta cidade de Aveiro. Os interesses democraticos e os interesses materiaes da propria terra. Se nos puzessemos a dar á bruta em todos, o resultado seria ficarmos esmagado. Ou punhamos de parte, como se põe um doido.

Limitamo-nos a combater vivamente o mais perigoso. E se para isso for necessario ajudar, apoiar, o menos perigoso, se para isso se tornar indispensavel fazer uma approximação de momento, uma colligação passageira, não hesitamos em a fazer. Mas o que propriamente se chama accordo ou alliança, isso nunca fizemos. As nossas approximações são de character meramente moral. Se alguém, d'outro campo, apparece naturalmente a combater o mesmo inimigo que nós combatemos, não voltamos contra esse cooperador as nossas armas. Pelo contrario, fornecemos-lhes munições se as temos. Mas sem intimidades nenhuma. Cumprimentamos cor-tezmente, nada mais. E acabado o combate, seguimos o nosso caminho sem dar satisfacções a ninguem. E se adiante encontramos a embaraçar-nos o que antes tinhamos encontrado a combater ao nosso lado, contra elle encetamos novo combate, sem outra consideração que não seja a da honra e interesse da causa que defendemos.

Ora, n'essa attitude de sem-

pre, n'essa conducta, que em nós é systematica, succedeu encontrarmos-nos, contra os francaceos, com o grupo politico local que obedece ao sr. Albano de Mello.

Foi um dos melhores serviços que nós temos prestado á causa democratica local e aos interesses materiaes d'este concelho. Ha homens honrados no grupo franquista da localidade. A direcção d'esse grupo, porém, cahiu nas mãos d'um homem fraco, incapaz, sem nenhuma das qualidades que se requerem n'um chefe politico. D'ahi a morte do franquismo. Não tendo capacidade para mandar, nem energia para se fazer obedecer, nem tacto para remover difficuldades e afastar attrictos, o sr. Jayme de Magalhães Lima deixou predominar, de tal fórma, um bando de imbecis e de trantantes, que o maior elogio, que podemos fazer ao morgado do Carmo, é suppór que é elle o primeiro a desejar vêr-se livre, quanto antes, d'essa cambada ignobil. O franquismo tornou-se em Aveiro tudo quanto ha de mais sujo, de mais asqueroso, e, ao mesmo tempo, de mais imbecil. Se dentro d'elle houve homens que protestaram contra essa politica as-natica e repugnante, esses protestos não se ouviram em publico. E, assim, o descredito, e a vergonha, alcançaram o grupo inteiro, representado na imprensa por um pasquim indecente, onde, ao lado dos mais infimos tratantes, collaboraram o sr. Magalhães Lima e o sr. Marques Mano, as duas figuras predominantes do grupo, que não duvidaram accetar a solidariedade official de verdadeiros canalhas.

Além da falta de capacidade moral, além da falta de patriotismo, porque nenhum d'esses homens caminha aos interesses da cidade, para servir os quaes não tinham actividade, zelo, nem energia, aconteceu reunir-se, na colligação do franquismo com o grupo da Vera-Cruz, tudo quanto havia em Aveiro de reaccionario. Salvo José Eduardo d'Almeida Villena! Mas este tornou-se, por varios titulos, inoffensivo. Pena foi, ainda assim, que não tivesse ficado com os homens da Vera-Cruz.

Contra essa cambada nos encontrámos em campo com o grupo que obedece ao sr. Albano de Mello. Fômos nós o grande inimigo da canalha. E isso comprovava-se com as injurias constantes que ella, desde o principio, nos dirige. A canalha via em nós o seu mais perigoso inimigo. E, por isso, eramos nós aquelle que ella, acima de todos, combatia e injuriava. Comtudo, é incontestavel que sem o auxilio do grupo progressista d'Agueda a colligação Carmo-Vera Cruz não teria sido esmagada.

Fosse como fosse, é esse um dos maiores serviços, repetimos, que nós temos prestado á causa democratica e a Aveiro.

Teremos ainda que nos encontrar, em defeza das liberdades e dos interesses locais, com o grupo politico que obedece ao sr. Albano de Mello? Teremos, pelo contrario, que passar a combater esse grupo, em nome dos mesmos interesses e das mesmas liberdades? Não sabemos. As circumstancias o dirão. Sem compromissos, que nunca tomámos, nem to-

maremos, conservamo-nos completamente livre para seguir o caminho que a nossa consciencia nos dictar.

Já estamos a ver os franquistas de rastos nos pés do sr. Albano de Mello. Não tardarão os miseráveis a lambem-lhe as botas, se as não lambem já. A mendigar-lhe favores de toda a ordem. A supplicar-lhe sinecuras e empregos. E é provavel que o sr. Albano de Mello, seguindo n'esse ponto uma falsa orientação, e uma errada politica local, os receba e attenda.

Será essa a hora de passarmos a combater a gente d'Agueda.

Nós estaremos sempre no polo opposto ao dos reaccionarios, no dos inimigos da causa democratica. Sempre. Onde elles estiverem, não estaremos nós. E contra elles combateremos, seja com quem fór, e como fór.

Só uma intransigencia existe para nós. É essa. A mais nobre de todas, porque é, verdadeiramente, uma honrada intransigencia de principios, e não uma mesquinha intransigencia de pessoas.

Dos actos do sr. Albano de Mello, portanto, dependerá, de hoje em diante, a nossa conducta na politica local.

Doente

Encontra-se doente, o que sentimos, o menino Vasco, estremoso filho do nosso particular amigo, sr. dr. João de Menezes.

Desejamos-lhe um completo e rapido restabelecimento.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despezas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accedermos ao nosso pedido.

O Outomno

Entrou com um festival de dias primaveris, de temperatura suave, e um sol brilhante e radioso, dando viço aos campos e inspiração aos pintasilgos, que ensaiavam novos gorgeios durante o curto lapso que durou a illusão.

Esta semana o firmamento cobriu-se de sombras; o trovão ribombou ao longe, sendo o espaço cortado por breves relampagos, e chovendo copiosamente sem que esfriasse a tempestade.

São os pronuncios do inverno que nos bate á porta.

Fallecimento

Succumbiu aos estragos d'uma pertinaz doença, que ha muito lhe vinha minando a existencia, João Paulo Godinho de Faria. Era um moço de excellentes qualidades, deixando por isso vivas saudades a quantos o conheciam.

Foi empregado da Tabacaria Havaneza e socio do Recreio Artístico. No seu funeral que teve lugar ás 7 horas da tarde do dia 25 do corrente, tomaram parte bastantes amigos.

A nossa carteira

Regressou da Costa Nova á sua casa d'esta cidade, o nosso amigo sr. dr. Marques de Moura.

Da sua casa de Pedregães regressou tambem a Aveiro o sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, digno secretario geral.

Tambem da sua casa de Estarreja regressou a esta cidade com sua filha sr.^a D. Maria Brandão, a sr.^a D. Adelaide de Sá Barreto de Couto Brandão.

Visita a sua familia encontra-se em Sarrazola o sr. Manuel Caetano Valente.

Regressou de Lisboa o sr. dr. Alfredo Magalhães, do Porto.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

24 de outubro.—Os girondinos comparecem perante o tribunal revolucionario, 1793.

No primeiro periodo da historia da republica democratica, isto é, até á derrota do federalismo, a Convenção Nacional apparece dividida em dois partidos, a Gironda e a Montanha.

A Gironda é um departamento francez, que tem por capital Bordeus. Nas eleições de 1791, foram eleitos, por esse departamento, Vergniaud, Guadet, Gensonné, Grangeneuve, Ducos, Boyer-Fonfrède, Bergoing e Lacaze. Estes eram, por conseguinte, os verdadeiros girondinos, ou deputados da Gironda. Com elles, porém, se juntaram outros, formando todos o partido da Gironda.

Aulard, que é hoje o mais auctorizado escriptor sobre a Revolução franceza, sobre a qual tem procedido, nos archivos, a investigações importantissimas, diz na sua bella obra *Histoire Politique de la Révolution Française*, que foram mais os historiadores, do que os contemporaneos, que chamaram girondinos, aos inimigos do partido da Montanha. Os contemporaneos designavam-nos principalmente pelos nomes dos homens mais em evidencia no grupo. Assim eram os *Brissotins*, ou partidarios de Brissot, os *Bordelais*, ou deputados de Bordeus, a facção *Guadet-Brissot*. Na Convenção foram sempre tratados por os *Brissotins*, os *Rolandistas*, partidarios de Roland, e os *Buzotins*, partidarios de Buzot. Marat tratava-os sempre ironicamente pelos *hommes d'État*. Officialmente eram designados pelo nome de *Federalistas*. Thiers, Charles Nodier e Lamartine é que generalisaram o nome girondinos, applicado não só aos deputados da Gironda, como a todos os que constituíam o partido a que aquelles pertenceram.

O partido girondino data da *Assemblée Legislativa*. Foi Brissot que, na origem, approximou os deputados da Gironda de Condorcet, de Clavière, de Roland, e outros, fundando a sua alliança. A Gironda era, pois, um partido formado quando a Convenção se reuniu.

No mais acceso da sua luta contra a Montanha, os girondinos trataram de melhorar a sua organização. Foi esse o *complot liberticida*, que Marat denunciou na tribuna em 23 de maio de 1793.

Em que se distinguiram *montanheses* de girondinos? Em questões de principios, d'idéas essenciaes, não é facil encontrar entre elles distincção. Lendo os seus discursos, os seus pamphletos, os seus jornaes, não se conhece differença nenhuma de cultura e de ideal, diz Aulard. Em religião, havia montanhese que eram deistas, embora o seu Deus não fosse o da religião catholica, e outros que o não eram. A mesmissima coisa entre os girondinos. Robespierre accusava os girondinos d'atheus. Aulard escreve que atheus não eram, porque nos seus escriptos se encontram as palavras Deus, Providencia, etc. Estas palavras isoladas, quando não constituem affirmações positivas, nada significam. Muitos atheus as empregam, como simples fórmulas de expressão geral. O que é certo é que os girondinos combatiam vivamente as tendencias deistas de Robespierre, trocando d'elle sempre que o famoso dictador invocava o auxilio da Providencia. E era sobretudo por isso que Robespierre lhes tinha um odio profundo.

Não eram republicanos? Amar, na famosa accusação de 3 de outubro de 1793, accusava-os de serem *republicanos sob a monarchia e realistas sob a republica*. O a esta ultima parte não era exacta. Os girondinos conservaram sempre vivo o amor da republica. Não ha, escreve Aulard, meio de encontrar, desde 10 de agosto de 1792 até 2 de junho de 1793, uma palavra, um escripto, um acto girondino, que tenda, mesmo indirectamente, ao realismo. Mesmo no periodo da guerra civil, junho e julho de 1793, os seus chefes recusam-se, em geral, a pactuar com os realistas.

Eram menos democratras do que os montanhesez? Tambem não. O projecto de constituição apresentado por

Condorcet, girondino, era tão democratico como a propria constituição montanheseza.

Eram menos violentos de processos, mais clementes do que os seus adversarios? Tambem não. «E' um logar commum, escreve Aulard, dizer-se que os montanhesez eram sanguinarios e que os girondinos eram clementes. Saint-Beuve, falando dos amigos de M.^{mo} Roland, saudou essas nobres figuras, humanas, d'uma bella proporção moral, que se detiveram todas, ao mesmo tempo, n'um instincto sublime e com um grito de misericórdia, á borda d'um rio de sangue...» E' uma lenda. Não sei mesmo se os girondinos foram os primeiros a reclamar a guilhotina.»

Isnard, girondino, sustentou na Assembleia Legislativa, em 31 de outubro de 1791, que era preciso condemnar á morte os inimigos da liberdade, voltando a essa se em 14 de novembro. A 26 de dezembro de 1791, Gensonné pedia a conservação da constituição ou a morte. Barbaroux, tambem girondino, pedia, em 26 de setembro de 1792, que fosse punido de morte todo aquelle que desaperasse da salvação da republica. Buzot, um dos mais eminentes girondinos, fez votar a pena de morte contra os realistas em 4 de dezembro de 1792. Condorcet, a primeira cabeça da Gironda, pedia, em 19 de janeiro e em 23 de fevereiro de 1793, que fosse abolida a pena de morte, excepto para os crimes politicos. O mesmo pedia Boyer-Fonfrède, outro girondino, em 17 de junho de 1793.

E' certo que os girondinos estigmatizaram as matanças de setembro, mas só no fim, para tornar impopulares os seus adversarios. Era uma especulação, e com ella se enganou a posteridade, julgando-os um partido de clemencia e de humanidade. No principio applaudiram-nas, tanto como os montanhesez.

Uma differença havia entre os dois partidos. Os girondinos, sem serem propriamente federalistas—tambem aqui se enganam os que os consideram como taes—não queriam, contudo, a absoluta supremacia de Paris. Os montanhesez queriam que Paris fosse a alma e a cabeça da França.

«Fazer guerra a Paris, diz ainda Aulard, o mais auctorizado escriptor, repetimos, sobre a Revolução, fazer guerra a Paris, tirar-lhe o seu papel de capital dirigente: eis a politica propria da Gironda, eis em que a Gironda se distingue da Montanha.»

Foi essa a morte dos girondinos. Os parisienses principiarão a embirrar com os girondinos por se deixarem governar por uma mulher. Sabese a enorme influencia que Madame Roland, mulher de Roland e amante de Buzot, tinha sobre elles. Madame Roland, sentindo essa má vontade das multidões, começou a detestar o povo, transmittindo o seu desdem ao grosso do partido, que sendo no fundo, em principios, tão democrata como o partido da Montanha, adquiriu uma aristocracia de forma e de maneiras que o perdeu. A embirra popular, que começou por ali, creceu extraordinariamente com a guerra feita pelos girondinos á supremacia da capital. Não era preciso mais para que os parisienses dessem todo o seu apoio á Montanha, demais a mais sendo os montanhesez muito habéis em captar as sympathias do povo, com o qual *sabiam viver*.

25 de outubro.—Organização da instrução publica em França, 1795.

A idéa predominante da Republica, desde a hora em que se proclamou, foi o derramamento da instrução. E' esse um dos *immortaes principios*, esquecidos pelos sábios que dizendo-se, actualmente, republicanos, escrevem, em Portugal, que não vale a pena instruir o povo.

Depois de muitas leis, a que teremos, n'estas ephemerides, occasião de nos referir, veio a de 3 brumario anno IV, (25 de outubro de 1795) que é uma das mais notaveis, embora com defeitos. Não obstante esses defeitos, d'ella diz Compayré, no seu notavel livro: *Histoire Critique des doctrines de l'éducation en France*:

«Foi com essa grande criação que a Convenção terminou a sua temporanea existencia. Contribuiu assim pa-

ra os progressos futuros do ensino superior no nosso paiz. Restaurou as grandes academias que constituem focos de luz. Deu ao Estado o seu verdadeiro papel, o de proteger, imprimindo-lhe direcção, as sciencias, as lettras e as artes.»

26 de outubro.—Ultima sessão da Convenção franceza, a qual, n'um só periodo, promulgou 6:370 decretos, 1795. Hamel, na sua bella *Historia da Revolução Franceza*, commemora este dia, dizendo:

«Termina aqui, pelo andamento regular da constituição do anno III, o cyclo normal, o grande periodo da Revolução. Desde 4 de maio de 1789 a 4 do brumario do anno IV, (26 de outubro de 1795) essa Revolução, mãe do mundo moderno, consummou a obra de dez seculos. De certo que para construir o novo edificio social e para vencer as resistencias desesperadas dos seus inimigos, não hesitou ella em pulverisar corpos de homens mesmo com risco de o fazer com injustiça. Ninguém lamenta mais do que nós o sangue derramado na luta gigantesca em que se achou envolvida contra a sua vontade. Mas o que são estes erros, estas faltas, estes crimes a par dos erros, faltas e crimes dos seus adversarios?»

Quaes foram os males passageiros que causou, que interesses particulares calçou ella na sua marcha, a par do bem que produziu, e dos interesses geraes que salvaguardou? E para atingir os seus resultados grandiosos, não devorou a quinta parte dos mortos de qualquer batalha, dada em pura perda, pela vaidade de um conquistador illustre e pela satisfação de uma ambição pessoal. Vós todos que pronunciaes com grande sentimento de respeito e de reconhecimento o seu nome prestigioso; vós, sobretudo, filhos ingratos, que aproveitades dos seus beneficios, maldizendo-a e calumniando-a, não esqueçades nunca que, durante cinco annos, fez ella mais pela felicidade do mundo, que os precedentes regimens no decurso de mil e quatro centos annos; trouxe ella ao nosso paiz a justiça exilada, a liberdade proscripta; com mão poderosa, destruiu o arbitrio, o privilegio e o capricho; fundou a egualdade e ensinou o dogma da fraternidade; e recordou, por fim, ao homem, segundo a expressão d'um pensador profundo, os titulos esquecidos dos seus destinos immortaes.

Todas as vantagens que hoje disfructamos, nós os desherdados dos antigos tempos, e todos os bens, que perdemos, e na conquista dos quaes nos é preciso de novo empenhar, trouxe-nos-los ella nas dobras do seu manto. Deslumbrante, através as edades, luz ainda no mundo, como um pharol immenso, e é para ella que devemos voltar os olhos a fim de nos encaminharmos para o futuro.»

27 de outubro.—O clero dos Estados Geraes, reunidos em Paris, 1614, insta vivamente com o joven rei Luiz XIII para que revogue o edito de Nantes e inicie a perseguição aos protestantes.

Para isso tinha mandado assassinar Henrique IV!

28 de outubro.—Morre d'uma apoplexia, 1620, na Inquisição de Coimbra, o licenciado Henrique d'Arede, prebendeiro da Universidade, que havia sido preso, pelo crime de heresia, em 18 de março do anno anterior.

«O sanguinario tribunal, diz Theophilo Braga na *Historia da Universidade de Coimbra*, não se satisfez com a morte de Henrique de Arede; mandou que fossem citados seus filhos e herdeiros para o virem defender na continuação do processo. Foram citados o Doutor Francisco Gomes, Antonio Gomes e Filippa Duarte, (12 de janeiro de 1621) seus filhos, para defenderem a honra, fama e fazenda do fallecido; a mesma citação se intimou a seu sobrinho Miguel Paes, que tambem estava preso, a sua neta Justa da Costa, igualmente nos carceres do Santo Officio. Depois de novos e frivois interrogatorios, foi sentenciado pelo Conselho geral do Santo Officio, em 9 de junho de 1621, sendo declarado o morto por convicto no crime de heresia, e que sua memoria, hon-

ra e fama seja condemnada, e sua estatua e ossos (oh que infames!) entregues á justiça secular para d'elles se fazer cumprimento de justiça, e que incorreu em sentença de excomunhão maior, e confiscação de todos os seus bens para o fisco e camará real...» A sentença final foi lida no Auto de fé que se celebrou na praça de Coimbra a 28 de novembro de 1621, estando presente a estatua do rei: «e mandam em detestação de tão grave crime que seus ossos sejam desenterrados e feitos por fogo (oh que infames! oh que infames!) em cinza e pó, por ordem da justiça secular a que o relaxam; e sua estatua, que presente está em seu nome, para que faça de tudo inteiro cumprimento de justiça...»

Que grandes infames! Que grandes infames!

29 de outubro.—Bazaine, o grande miseravel, capitula em Metz, 1870, entregando ao inimigo, por odio á republica, 200:000 homens, 1665 bocas de fogo, 8922 reparos, 3.239:225 projectis, 419:285 kilos de polvora, 3.280:096 cartuchos de modelo Chassepot, 9.696:763 cartuchos de diversos modelos, 124:137 espingardas Chassepot, 154:152 espingardas de diversos modelos, tudo no valor de 36 milhões de francos, sete mil e duzentos contos.

E' curioso lêr-se, sobre essa grande infamia, o *Rapport du Général Rivière*, Paris, 1873:

Morre D'Alembert, 1783. João Le Rond D'Alembert foi um dos maiores espiritos do seculo desoito. Amigo e companheiro de Voltaire, de Diderot, de Condorcet, foi um dos grandes precursores e preparadores do movimento revolucionario. Grande mathematico, grande escriptor, grande philosopho, o nome aureolado d'esse homem brilhou como estrella de primeira grandeza na constellação dos encyclopedistas.

30 de outubro.—São condemnados á morte os girondinos, 1793.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 2 ás 4 da tarde, no jardim publico, é o seguinte:

Marcha: «Serrana», (Keil) «Taubhäuser»; selection da opera (Wagner) «Raymond». Ouverture da opera (Thomas) «Salutaris», «Ostia» (Moraes) «Olga» Polka (***)

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compreae a bicyclete

A «OSMOND»

Da Terra Nova

Entrou na segunda-feira o lugre *Nautico*, procedente da Terra Nova, da pesca do bacalhau. Deu fundo defronte do estaleiro da Gafanha, onde foram construidos os seccadoiros.

Dizem-nos que veio em pouco menos de meia carga, não tendo pescado mais por se lhe haver findado a isca.

Vinho novo

Chegam-nos de todas as regiões vinícolas do paiz noticias confirmando geral a abundante colheita de vinho este anno. O preço oscilla entre 500 e 600 reis os 20 litros, com tendencia para baixar, visto que as colheitas não estão ainda todas concluidas, principalmente nas ferteis zonas do Alentejo e Borda d'Agua.

Os beleguins das justicias exultam de contentes. Quantos prologos cortados de alegria irão ter no tribunal um triste epilogo...

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

PUBLICAÇÕES

Recebemos o *Passatempo*, excellente publicação lisbonense, dirigida pelo talentoso escriptor Antonio de Campos Junior.

Recebemos tambem o ultimo numero da *Revista* o magnifico mensario de sciencias e lettras que se publica no Porto. Por absoluta falta de espaço n'este numero não n'oticamos outras publicações que temos em nosso poder.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Lettura—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 50000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 60000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostofado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

ou

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até!—não possuir.

Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AHLHAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.
 E em todas as livrarias.

Compra e venda de livros

Livros escolares para instrução primaria, novos e usados. A' venda na Livraria Moraes. Nesta livraria ha todos os livros adoptados para instrução primaria, curso geral dos lycens, cursos commerciaes e nos exames singulares. Compram-se livros de estudo. Pagam-se bem. Fornecem-se catalogos dos livros adoptados para instrução secundaria. Rua da Assumpção 49-51—LISBOA.

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabolicos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 15000 a 35000 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.^o



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que receba gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote.) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTHYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO